

## **NARRATICAS DAS INFÂNCIAS: UMA HISTÓRIA ORAL TRAMADA A PARTIR DOS SONHOS**

**Tatiani Müller Kohls<sup>1</sup>**

**Krischna Silveira Duarte**

**Denise Marcos Bussoletti**

### **Sonhos e estéticas periféricas**

Contar uma história através dos sonhos, onde a infância se faz protagonista é a proposta deste artigo, que surge a partir das inquietações e reflexões de ações desenvolvidas a partir da oficina de Filtro dos Sonhos<sup>2</sup>, desenvolvida junto ao Núcleo de Arte, Linguagem e Subjetividade (NALS), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

O NALS se constitui como um núcleo de extensão, que desde 2008 desenvolve atividades integrando pesquisa e ensino, aliando experimentação artística e práxis pedagógica, como modo de educar, trilhando os caminhos da diversidade, acreditando na extensão como forma de aproximação entre a universidade e a sociedade, utilizando-se fundamentalmente de ferramentas culturais para promover o exercício da cidadania e a responsabilidade social. Possui como pressuposto a construção de conhecimentos nos marcos da educação do sensível, enfocando as estéticas periféricas e os novos sujeitos do discurso que pela arte possam emergir como porta-vozes da cultura, contribuindo para a descentralização das diferentes formas de poder letradas e apontando para um novo olhar sobre a realidade social (BUSSOLETTI, VARGAS, 2014; KOHLS, BUSSOLETTI, 2016; KOHLS, VARGAS, 2017, MARTINS; *et al*, 2016; KOHLS *et al*, 2016).

A oficina de Filtros dos Sonhos visa estimular e produzir narrativas sobre os sonhos - àqueles que sonhamos acordados e que nos remetem ao futuro (BLOCH, 2005). De acordo com Bloch (2005, p.14) "nenhum ser humano jamais viveu sem sonhos diurnos [...]". O sonho diurno ou acordado pode ser entendido como os planos futuros, uma visão utópica daquilo que desejamos, constituindo assim, uma consciência esperançosa do futuro (FURTER, 1974). No sonho acordado, a esperança se apresenta como uma expectativa da transformação, do desejo:

---

<sup>2</sup> O filtro dos sonhos é um artefato de origem indígena norte-americana. Acredita-se que esse artefato pode separar as boas e más energias que circulam pela noite, fazendo com que somente os sonhos bons, carregados de mensagens importantes, passem pela teia. É no ar que os pensamentos e energias circulam, e é pela pena, como elemento místico, que nossos sonhos e desejos são transmitidos ao Grande Espírito do Mundo. A ideia do filtro dos sonhos está também atrelada a questão de decifrar, ou, interpretar os sonhos, algo relatado nas lendas como importante para aqueles que faziam uso desse objeto. Disponível em: <<http://somostodosum.ig.com.br/conteudo/c.asp?id=05394>>; Acessado em 15 de agosto de 2016 às 17h.

Há sonhos diurnos em número suficiente, só não foram satisfatoriamente observados. Mesmo de olhos abertos, no seu íntimo a pessoa pode ver tudo colorido ou em forma de sonho. Se a propensão para melhorar aquilo em que nos tornamos não adormece nem durante o sono, como o poderia durante a vigília? Poucos são os desejos que não estão carregados de sonho, justamente quando eles tomam consciência de si. Mas, então, quem sonha durante o dia é visivelmente diferente de quem sonha durante a noite. Muitas vezes, quem devaneia segue um fogo-fátuo, desvia-se do caminho. Mas ele não dorme e não submerge na névoa (BLOCH, 2005, p. 80).

Nesse sentido, é a partir do sonho diurno que buscamos produzir as narrativas das infâncias, tendo-se como base a perspectiva da Cultura da Infância (SARMENTO, 2004), objetivamos trabalhar os sonhos, a partir das narrativas orais, como possibilidade de abertura de espaços críticos, de livre expressão e significação da cultura pelas crianças. Tomamos o sonho para pensarmos que histórias essas crianças podem nos contar, refletindo sobre as situações em que vivem e que estão expostas.

Fonte: Arquivo NALS, 2016.



Figura 1. Oficina de Filtro dos Sonhos.

## 1 Por entre as tramas de um sonho

Buscando através do processo de elaboração do Filtro dos Sonhos o acesso a um método de pesquisa que permite criar espaços estimuladores da oralidade, como referenciado anteriormente, pautamos o embasamento teórico-metodológico de nossa prática no conceito de trama (CANAL, 2011). No ato de tramar, na construção do objeto em si, apostamos em um intercâmbio com as crianças que, através da oralidade, trama também histórias e sonhos que emergem desse momento.

La trama representa un saber incluyente, un saber resultado de intercambios de estímulos y reacciones, de afectos y

afectaciones, de entrelazamientos en que cada sujeito podrá incluir en su devenir encarnado sus propias categorías en relación a su experiencia, a los atravesamientos teóricos, estéticos, éticos, afectivos, eróticos y emotivos, y dichas categorías son desarrolladas en la trama de la vida, en nuestro estar ligados a la experiencia social y personal, a las tecnologías cognitivas, sociales, físico-químicas, biológicas y comunicacionales con las que convivimos (CANAL, 2011, p. 22).

Para Machado (2003), onde o ato de fiar é espaço de autonomia da criação, relacionado à contação de histórias, à narração, que durante séculos foi importante no processo cultural, no qual habitava a garantia da manutenção e valorização da sabedoria popular. A autora aponta que esse espaço de tecelagem se configurava como um espaço predominantemente feminino, associado à criações “têxteis e de textos” (MACHADO, 2003, p. 182).

Consideramos, a partir da perspectiva benjaminiana (BENJAMIN, 1994) que a arte de narrar foi se extinguindo com o tempo, por outro lado “a narrativa, que pode ser considerada como uma ponte entre o passado, o presente e o futuro, entre o indivíduo e o grupo e o indivíduo e a tradição, foi desaparecendo ou foi sendo expulsa gradualmente da esfera do discurso vivo” (BUSSOLETTI; PINHEIRO 2011, p. 27). A partir da arte de narrar, de contar histórias, apostamos na criação de espaços onde o espectador também seja um narrador, fazendo com que ele experiencie as possibilidades de intervenção e criação, enquanto um contador de histórias. Como diz Benjamin (1994, p. 201) “o narrador retira da experiência o que ele conta [...]”, assim, essa narrativas só se tornam possível através da experiência vivida, daquilo que foi sentido e de certa forma imaginado. Desse modo, acreditamos que a trama possibilite esse diálogo e aproximação com as crianças e as narrativas que dela possam emergir.

## **2 As histórias narradas: o que é sonhar?**

A partir da trama, as crianças apresentam as suas visões sobre o sonhar, nos apresentando ou rerepresentando um novo olhar sobre as coisas e o mundo: “a infância se estabelece assim, aos nossos sentidos, como um enigma constante e renovado. A infância acaba por questionar nossas certezas, tanto as certezas de mundo, como as que consideramos como próprias” (BUSSOLETTI; SCHNEIDER, 2012, p. 301). Relativizar essas “verdades absolutas” a partir do desordenamento dos olhares pelas infâncias objetiva criar espaços para experiências educativas renovadas, que busquem o alinhamento com as necessidades do mundo contemporâneo. Para Duarte (2017), os olhares das infâncias são capazes de desfamiliarizar noções de pensamento tradicionalmente firmadas. De acordo com a autora, esse desordenamento que os olhares das infâncias, através de sua poética, trazem ao mundo, pode ser utilizado como estratégia de pesquisa que permite pensar novas possibilidades para o campo da educação, indo no sentido contrário à tradição – não no sentido de negar a tradição histórica, mas de abrir brechas para que o novo possa emergir. A esta desfamiliarização a autora chama Educação Desordeira (DUARTE, 2017).

Encarar as infâncias é permitir que elas desmintam essas/nossas verdades. É escutar em seus sussurros as verdades perigosas que, só quem vê o mundo como se chegasse de visita, é capaz de perceber. A disposição dos móveis, as cores nas paredes, os quadros expostos, tudo desde a casa da infância é uma descoberta estranha. (DUARTE, 2017, p. 25).

Ao pensar sobre essas incertezas que as infâncias apresentam, nos perguntamos que “novo olhar” podemos ainda ter sobre esse “mundo empobrecido” pelos adultos? A partir da sociologia da infância (SARMENTO, 2004; 2005) podemos compreender que a criança é um ator social, que interroga a sociedade e constrói também a cultura em que está exposta:

As crianças, todas as crianças, transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazem-no com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é de novo possível. É por isso que o lugar da infância é um entre-lugar [...] o espaço intersticial entre dois modos – o que é consagrado pelos adultos e o que é reinventado nos mundos de vida das crianças – e entre dois tempos – o passado e o futuro. É um lugar, um entre-lugar (Bhabha, 1998) socialmente construído, mas existencialmente renovado pela acção colectiva das crianças. Mas um lugar, um entre-lugar, pré-disposto nas suas possibilidades e constrangimentos pela História. É por isso um lugar na História (SARMENTO, 2004, p. 2-3).

É nesses entre-lugares das infâncias, que se apresentam como espaços de resistência ao empobrecimento da experiência e da narrativa dentro da sociedade capitalista que uma história sobre os sonhos começa a ser tramada. Benjamin (2008) já apontava para uma escrita da história a partir dos sonhos: “a história do sonho ainda está por ser escrita e compreende-la significa dar um golpe decisivo na superstição do estar-presos à natureza, por meio de uma iluminação histórica” (BENJAMIN, *apud* BRETAS, 2008, p.18).

A partir da perspectiva benjaminiana, o sonho pode ser compreendido como crítica da cultura, compreendido através dos processos sociais, quando a expressão dos desejos, dos sonhos, são negados pela realidade, como afirma Rouanet (2008). A autora Solange Jobim e Souza, nos esclarece de que forma os sonhos podem ser colocados a serviço da crítica da cultura:

Tomando por princípio que a interpretação de um sonho é infinita e que a lógica do sonho é algo capaz de recuperar as coisas, os acontecimentos e a história, Benjamin o percebe como instrumento que pode ser posto a serviço da crítica à cultura. [...] Por ser um instrumento de articulação e desarticulação da história, o sonho – imagem dialética do real – sugere uma forma de nos aproximarmos da realidade social a

partir de uma dimensão crítica, que nos conduz ao resgate do novo no sempre igual (JOBIM E SOUZA, 2009, p. 79 – grifos da autora).

O sonho em Benjamin nos “orienta para um despertar futuro”, como afirma Jobim e Souza (2009). É através dos fragmentos do mundo, da história e da cultura que habitam nosso inconsciente, que o sonho em Benjamin encontra “sua voz e sua expressão” (JOBIM E SOUZA, 2009, p. 78).

Assim, refletimos sobre o sonho a partir do olhar das crianças, que são também sujeitos da sociedade. Nesse sentido, as infâncias se caracterizam como um componente cultural e social, na qual se estabelecem e produzem suas relações, permeando a sua própria cultura e a cultura do mundo adulto (CORSARO, 2011).

Quando se propõe escutar uma criança, temos “[...] uma oportunidade de retomarmos, a partir do ângulo dela, um olhar crítico sobre o mal-estar da nossa cultura” (JOBIM E SOUZA, 2009, p. 120). Jobim e Souza traça uma crítica sobre esse mal estar cultural na modernidade e o empobrecimento da experiência, baseada em Benjamin:

Esse autor, ao fazer uma análise fecunda da estreita reação existente entre as transformações técnicas da sociedade e as modificações da percepção estética, elabora uma contribuição extremamente original para uma discussão crítica sobre as múltiplas consequências do capitalismo na vida do homem contemporâneo (JOBIM E SOUZA, 2009, p. 42).

Jobim e Souza apresenta uma crítica em relação às infâncias e a sociedade capitalista, na qual as crianças produzem e reproduzem seus valores, interiorizando seus princípios. Assim, poderíamos perguntar: Os sonhos que as crianças têm sonhado fazem parte dessa relação? Essa ideia de que os sonhos são desejos objetivados é expresso pela autora: “Os indivíduos se apropriam dos elementos da cultura, transformam-nos em material da atividade onírica, devolvendo-os novamente à cultura sob forma de desejos objetivados” (JOBIM E SOUZA, 2009, p. 80).

Como pesquisadores comprometidos ética e politicamente com a perspectiva de uma história aberta, a partir do olhar benjaminiano, há sempre uma lacuna que nos inquieta nos processos de conhecer. Romper com a linearidade cronológica, compreendendo a história como lugar de reescrita da experiência ao invés de uma sucessão de fatos históricos (BENJAMIN, 1994, 2013a, 2013b, 2013c), permite pensar qual história queremos escrever. Mas como escrever os sonhos? Será possível devolver esses “desejos objetivados” pela oralidade das infâncias, através da escrita?

Pensamos que se há caminho que possa, minimamente, dar conta desse espaço onde habitam os sonhos das infâncias, trazendo-os para mais perto de uma perspectiva de pesquisa acadêmica que tenta transitar entre a escrita e a oralidade, este deve aproximar-se da poética como condição fundamental. Assumimos a poética, portanto, a partir dos olhares das infâncias, transcendendo a noção de que o discurso acadêmico é o meio de encontrar “verdades”. Mais que isso, buscamos o diálogo, o espaço de trocas onde é a experiência educativa é também lugar de compartilhamento de dúvidas e inquietações. Reconhecemos que escrever sobre as infâncias “não cabe no espaço reduzido onde permanecem os fatos; a infância não

só habita no devaneio, mas é através dela, em imaginação ou memória, que a adulez feita pesquisa busca encontrar as chaves que permitem habitá-la, preservando a poesia (BUSSOLETTI, 2007, p. 60).

### **3 As poéticas como caminhos da escrita de uma oralidade sonhada**

Pensamos que pelas infâncias a poética emerge como possibilidade de subversão da linguagem que nomeia o mundo e, por tanto, do próprio mundo, de maneira reflexiva. Nos ecos de Benjamin (2013a) e Ricoeur (1996), tentamos encontrar pelas tramas dos sonhos o espaço que precede esta nomeação. Ali onde os fios se entrecruzam com os sonhos, pensamos habitar um mundo que não é descrito, mas descoberto, no qual as infâncias apontam a celebração da linguagem nela mesma, como a suspensão da função referencial do discurso. Nesse lugar de olhares renovados pode também habitar a reflexão crítica sobre os discursos das ciências e sua necessidade de encontrar “não àquilo que Goethe pretendia de “poetizar a ciência” (...) mas um movimento de escrita que permita o lado “sensível da verdade” (BUSSOLETTI, 2007, p. 64)”.

O discurso poético também está no sujeito do mundo, mas não dos objetos manipuláveis de nosso ambiente cotidiano. Ele se refere às nossas maneiras múltiplas de pertencer ao mundo antes que nos opuséssemos às coisas a título de “objetos” dando de frente para um “sujeito”. Se nos tornamos cegos para essas modalidades de *enraizamento* e de *pertencimento* que precedem a relação de um sujeito com objetos é porque ratificamos de maneira não crítica um certo conceito de verdade, definido pela adequação a um real de objetos e submetido ao critério de verificação e da falsificação empíricas. O discurso poético questiona precisamente esses conceitos não criticados de adequação e de verificação. Ao fazer isso, ele questiona a redução da função referencial ao discurso descritivo e abre o campo de uma referência não descritiva do mundo (RICOEUR, 1996, p. 187-188).

Defendemos, portanto, a poética como posicionamento crítico que retoma a implicação da pesquisadora com o Outro da pesquisa em um processo dialógico e reflexivo que tenta mostrar o que parecia oculto, abrindo espaço para a “revelação” que Ricoeur (1996) chama de “verdade-manifestação”, algo que transcende a noção de verificação e validação, “no sentido de deixar ser o que se mostra”. Essa perspectiva de pesquisa que “deixa ser o que se mostra” busca, com profundo respeito, a valorização das culturas de tradição oral, compreendendo que “a oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade (VANSINA, 1982, p. 157)”. Pensando a oralidade na perspectiva histórica das culturas das infâncias (SARMENTO, 2004), compreendemos a contação de sonhos também como um lugar de resistência, onde o olhar sobre a experiência cultural das

infâncias no mundo, contadas a partir de sua própria oralidade, pode indicar caminhos para pensar estratégias de efetivas mudanças e transformações sociais. Transformações que passam pela sensibilização dos dados de pesquisa em direção a aproximação dos contextos da vida... Para isso, mais uma vez, perguntamos:

*O que é sonhar?<sup>3</sup>*

*Os sonhos, vou contar,  
são nossa imaginação que vemos dia-a-dia na hora de dormir.  
Se acordar não tem mais,  
e assim,  
se dormir de novo pode continuar...  
ou não.  
Mas primeiro,  
não se esqueça de almoçar,  
escovar os dentes e depois dormir.  
Distante do Brasil, lá nos Estados Unidos,  
onde tinha muita guerra,  
um homem chamado cacique,  
sonhou com um espírito de uma aranha.  
A aranha mandou ele pegar o cipó,  
as penas de uma galinha e uma linha.  
A aranha mandou ele fazer um filtro dos sonhos  
e botar em todas as janelas das casas.  
E quando pegasse sol no filtro,  
as coisas ruins iam sair  
e as coisas boas iam entrar  
e as crianças iam ter sonhos bons.  
O sonho é o que nós queremos no futuro.  
Eu quero o amor das pessoas e poder ser feliz.  
Sonhar é uma coisa linda. Deve ser.  
E uma coisa boa de sonhar, linda né?  
Sim! Com a ajuda do filtro dos sonhos.  
O que é sonhar?  
É tentar realizar seus sonhos  
e achar que pode conquista-los  
com todas suas forças  
e saber o momento certo para conquista-lo.  
Eu sonho com a vontade  
e tento realizar com a ajuda dos meus amigos.  
Meu sonho é ter uma mansão.  
E dar uma casa pra minha mãe  
e dar um milhão pra minha mãe,  
e dar um carro e uma limusine.*

---

<sup>3</sup> Texto construído a partir das narrativas das crianças em uma das oficinas de Filtro dos Sonhos realizada em 2016 na cidade de Pelotas.

*Sonho é uma realidade para mim.  
Sonho ter uma casa de sorvete.  
Sonho significa uma coisa que  
quando a gente tá dormindo,  
nós sonhamos.  
Então sonho pra mim  
é uma coisa que anima o nosso dormir  
O que significa sonhar?  
É imaginar um mundo lindo.*

#### **4 Sonhar, talvez seja, não deixar de perguntar...**

Pela licença poética do texto construído pelas crianças em uma das oficinas realizadas, concluímos este texto com a certeza de que as perguntas são sempre mais importantes do que as respostas. Pensamos que elas, as perguntas, nos levam sempre mais perto das verdades sensíveis, pois não se encerram na superfície de respostas prontas, validadas como único conhecimento possível através das ditas verdades absolutas. Queremos buscar novas possibilidades de encarar o mundo e as coisas que dele fazem parte. Queremos olhar para nós mesmos e para o conhecimento que produzimos valorizando sempre a dúvida, o questionamento, pois “uma certa descrença é necessária para conseguir visualizar que a dúvida pertence à certeza (por certo?)” (BUSSOLETTI, 2007: 34).

Através do sonho, pelo olhar das infâncias, buscamos alargar nossa compreensão da realidade na direção de um saber sensível que acesse pela poética as coisas do mundo. Pelos sonhos que tramamos junto às infâncias, pensamos abrir espaços onde exista a possibilidade de reescrever, a partir das narrativas orais das infâncias, novas histórias, que por sua vez, possam construir novas realidades.

#### **REFERÊNCIAS**

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).
- \_\_\_\_\_. *O anjo da história*. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013a.
- \_\_\_\_\_. *Origem do drama trágico alemão*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b.
- \_\_\_\_\_. *Rua de mão única – Infância berlinense: 1900*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013c.
- BLOCH, Ernst. *O Princípio da Esperança*. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. V.I.
- BRETAS, Aléxia. *A constelação do sonho em Walter Benjamin*. São Paulo: Humanitas, 2008.
- BUSSOLETTI, Denise Marcos. *Infâncias Monotônicas - Uma rapsódia da Esperança - Estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa*. Porto Alegre, 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; PINHEIRO, Cristiano Guedes. Histórias ainda possíveis: narrativas tecidas em rede. In: BUSSOLETTI, Denise Marcos; CANAL, Carlos Yáñez; GUEVARA, Angela Estrada; LANDÍN, David Marscal (orgs). *Pluralismo nas Ciências Sociais: da multiplicidade à diferença*. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2011.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; SCHNEIDER, Daniela da Cruz. Infâncias e caixas: Pandora Esperança. *Revista Contrapontos*, Itajaí, SC., v. 12, n. 3, mar. 2012. ISSN 1984-7114. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/2262/2380>>. Acesso em: 01 Nov. 2015.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner. Por entre fronteiras de uma pedagogia que pauta a educação pelas artes gingando saberes e práticas populares. *Revista Extraprensa*, v.01, n. 14, p. 41-48, 2014.

CANAL, Carlos Yáñez. El pluralismo de las ciencias sociales: Hacia la construcción de una trama de tramas. In: BUSSOLETTI, Denise Marcos; CANAL, Carlos Yáñez; GUEVARA, Angela Estrada; LANDÍN, David Marscal (orgs). *Pluralismo nas Ciências Sociais: da multiplicidade à diferença*. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2011.

CORSARO, William A. *Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FURTER, Pierre. *Dialética da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

JOBIM E SOUZA, Solange. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, SP: Papirus, 2009.

KOHL, Tatiani Müller; BARBOSA, Rafaela Dias; MARTINS, Felipe da Silva; BUSSOLETTI, Denise Marcos. PET FRONTEIRAS - Saberes e Práticas Populares: uma proposta pautada na diversidade social e cultural. *Conexões Culturais - Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura*, v. 2, p. 48-55, 2016.

KOHL, Tatiani Müller; BUSSOLETTI, Denise Marcos. Pensando as representações infantis através dos sonhos. *XVIII ENPOS - Encontro de Pós-Graduação*, 2016, Pelotas.

KOHL, Tatiani Müller; VARGAS, Vagner; BUSSOLETTI, Denise Marcos. Dicionário das crianças: uma possibilidade de significados e representações de gênero no universo infantil. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 03 nº 01, p. 17-25, 2017.

MARTINS, Felipe da Silva; KOHL, Tatiani Müller; BARBOSA, Rafaela Dias; MOREIRA, Thalita Ferreira; BUSSOLETTI, Denise Marcos. Confraria do Fuxico – As tramas e os “Nós” junto ao PET FRONTEIRAS: Saberes e práticas populares. *Conexões Culturais - Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura*, v. 2, p. 39-47, 2016.

MACHADO, Ana Maria. O Tao da teia – sobre textos e têxteis. *Estudos Avançados*, 17 (49), 2003.

RICOEUR, P. *Nas Fronteiras da Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o Anjo: Itinerários freudianos em Walter Benjamin*. 3ªed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto . As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: Sarmento, M. e Cerisara, A. *Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Edições ASA, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, 2005.

VANSINA, J. A Tradição Oral e sua Metodologia. In: \_\_\_\_\_ *História Geral da África*. São Paulo: Ática, v. 1, 1982. p. 157-179.